

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – IBAITI
EDSON PINHEIRO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CANTO E CORAL EM ESCOLA DO
CAMPO.**

EDSON PINHEIRO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CANTO E CORAL EM ESCOLA DO
CAMPO.**

Artigo apresentado como requisito de conclusão do Curso de Especialização em Educação do Campo. Orientador: Edmilson Cezar Paglia.

SUMÁRIO

1 RESUMO	4
2TEMA	5
2 INTRODUÇÃO	5
3 OBJETIVOS	6
3.1 OBJETIVO GERAL.....	6
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
4 REVISÃO DE LITERATURA	7
4.1 CONCEPÇÃO DE CAMPO E DE EDUCAÇÃO DO CAMPO	7
4.2 A MÚSICA NA EDUCAÇÃO	10
4.3 CANTO E CORAL EM ESCOLA DO CAMPO	11
5 METODOLOGIA E RELATO DE EXPERIÊNCIA	13
6 CRONOGRAMA	17
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
8 REFERÊNCIAS	19
9 ANEXO	20

RESUMO

O artigo aqui apresentado desenvolve relato de experiência com Canto e Coral que aconteceu no Colégio Estadual do Campo São Jorge, em Terra Nova, município de São Jerônimo da Serra, no ano de 2013. Para chegar ao relato da experiência, foram analisadas questões referentes aos sujeitos do campo, conceito de campo, educação do campo e a música na educação. Analisadas essas questões, buscou assinalar que é possível desenvolver atividades culturais no campo que podem contribuir ainda mais para o fortalecimento do estudante no que diz respeito a socialização de saberes culturais.

Palavras-chave: educação do campo; Terra Nova; canto e coral.

1TEMA

O tema que será desenvolvido no artigo (TCC) tratará de um relato de experiência com Canto e Coral no Colégio Estadual do Campo São Jorge, distrito de Terra Nova, município de São Jerônimo da Serra, PR – no sentido de mostrar que mesmo diante de tantas adversidades que encontramos em escolas do campo, ainda é possível vislumbrar possibilidades para uma educação que priorize a formação integral dos estudantes do campo.

2 INTRODUÇÃO

No artigo que aqui desenvolvi procurei relatar as experiências que adquiri no decorrer do ano letivo de 2013, quando lecionava Língua Portuguesa para uma turma de 6º ano do ensino fundamental no Colégio Estadual do Campo São Jorge, época em que acompanhei o projeto de Canto e Coral do colégio em questão.

Também, na ocasião de 2013, exerci a função de diretor auxiliar, com total de 20 horas destinadas para função. Pude, portanto, acompanhar o trabalho da professora que ministrava as aulas de canto e coral e efetivamente participar do desenvolvimento dos estudantes no canto e coral e em sala de aula, principalmente os alunos do 6º ano do ensino fundamental, turma que eu lecionei e acompanhei com maior atenção. E, assim, serão os alunos dessa turma que farão parte do relato que desenvolvi.

O projeto Canto e Coral do Colégio Estadual do Campo São Jorge é parte do *Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral*. Com esse programa, o colégio pode desenvolver a atividade de Canto e Coral atendendo boa parte dos alunos do Ensino Fundamental no ano de 2013.

Pois bem, o tema surgiu a partir da minha preocupação em refletir mais sobre a relação entre a música, no caso canto e coral, pelo fato do colégio participar do projeto, e o pensamento comum a respeito do assunto.

Quando digo pensamento comum, estou me referindo ao pensamento que rotineiramente acredita que ao campo só pode ser legado aquilo que é produzido no campo, ou seja, elementos característicos de um processo que procura reduzir e subjugar a capacidade do aluno do campo num procedimento ideológico norteado

por uma prática que perdura em nossa cultura e que procura isolar cada vez mais o campo.

Procurei, portanto, compreender a dinâmica educacional que deve ser pautada numa concepção ampla e integral de cultura no processo de formação social que prioriza a dimensão simbólica da produção da igualdade também articulada aos bens não tangíveis.

Além disso, busquei pensar mais na tentativa de desconstruir os discursos preferidos e dominantes que procuram acreditar que na relação da educação do campo com a cidade não é possível haver interação. Isso, na verdade, é um discurso falacioso e reducionista, pois se acreditamos na democratização do ensino, na capacidade da escola em dirimir as distâncias e diferenças educacionais, estaremos proporcionando uma educação que priorize o homem enquanto sujeito no mundo e não delimitado por espaços geográficos.

Assim, no caso do sujeito do campo, a relação da escola com a sua *práxis* diária é mais que um imperativo do desenvolvimento educacional, como em Paglia (2010, p.14) “no âmbito da educação, para nós desenvolvimento é sinônimo de autonomia de educadores (as) e educando (as), para ensinar, conhecer, aprender a aprender e entender”. Nesse pensamento, proporcionar a socialização e interação de saberes produzidos pela humanidade – independente da sua natureza, urbana ou no campo – é condição de primeira ordem da escola e do educador. E foi nessa perspectiva que procurei realizar o relato de experiência.

3.1 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

* Relatar experiência mostrando que pelo fato do aluno ser do campo não significa que ele não possa desenvolver outras atividades culturais que não sejam relacionadas ao meio em que vive.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

*Mostrar as principais implicações para os alunos do projeto Canto e Coral do Colégio Estadual do Campo São Jorge.

*Apresentar a experiência com música como envolvimento cultural que acontece por meio da compreensão da linguagem.

*Analisar o projeto de Canto e Coral como ferramenta de desenvolvimento interpessoal e de socialização de conhecimentos culturais.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CONCEPÇÃO DE CAMPO E DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Antes de discutir a questão da concepção de campo e de educação do campo, precisamos assinalar que a educação, de um modo geral, deve estar relacionada com os sujeitos sociais, conforme as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná, documento que também servirá de apoio no trabalho aqui exposto, que assinala “um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar” (2008, p.14). Desse modo, algumas questões precisam de discussão. Entre elas, conceitos de *rural*, *campo* e a respeito dos sujeitos sociais, que tem uma relação muito peculiar com a terra, são necessárias para uma postura mais reflexiva.

Quando se diz respeito aos termos *rural* e *campo*, em nossa sociedade, a impressão que se tem é que as acepções ainda não foram resolvidas e, portanto, são percebidas como sinônimos. E não é isso que acontece.

Costuma-se pensar o primeiro termo, *rural*, como significado de atraso, principalmente ao analisar questões econômicas e de fundamentos políticos e saberes culturais, ou seja, o rural aparece associado com o povo que precisa de proteção e que não é capaz de se organizar enquanto representante de seus próprios anseios.

Em relação ao termo *campo*, pensa-se nos povos em movimentos sociais que estão articulados com projetos políticos de desenvolvimento local e sustentável, e que já tiveram essa concepção apresentada a partir do final do século XX, ainda de acordo com a DCE do Campo (2006). E que são lembrados ainda hoje como representantes de uma identidade social como posseiros, ribeirinhos, assentados, comunidades negras rurais, quilombolas, entre outros. Mas sendo caracterizados pela relação que apresentam com a terra, tendo no campo a produção não só de trabalho, mas a dinâmica da afinidade de cultivo com as manifestações culturais. Esse é outro ponto importante.

Assim, ao mencionar o campo, precisamos também pensar em uma forma de entendimento de cultura que deve ser desenvolvida, sobretudo, a partir da relação com o trabalho do homem do campo, pela práxis da formação e da transformação de quem vive no campo, não sendo, em momento algum, um trabalho alienado,

muito pelo contrário, e como aparece nas Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná, é preciso considerar a cultura dos povos do campo em sua dimensão empírica e fortalecer a educação escolar como processo de apropriação de novos conhecimentos e que “precisa atender igualmente aos sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural e às possíveis necessidades especiais para aprendizagem” (2008, p.15).

É através desse pensamento, da relação entre o saber prático e o conhecimento sistematizado, das necessidades para aprendizagem, não sendo, portanto, apontado juízo de valor, que o conceito de campo consegue se fortalecer e dar oportunidade aos sujeitos que desenvolvem uma relação muito distinta com o local em que vivem e suas relações com a natureza.

Nesse sentido, é no campo que se deve pensar em questões pautadas àqueles que durante o decorrer da história foram explorados e expulsos do seu próprio meio por uma visão mercantilista na qual o sujeito não pode ter lugar, a não ser que a sua moradia seja justificada na apropriação do espaço apenas como meio de produção em função de quem vai consumir. E o homem não é só o que produz enquanto mercadoria.

Depois de assinalar sobre a concepção de campo que será seguida, é o momento de pensar a respeito da educação do campo.

Pensar uma educação do campo é pensar em uma concepção de mundo que entenda o homem como sujeito de todas as ações que são realizadas em seu entorno. E sobre essas ações, uma escola do campo deve atender a realidade do homem e seus anseios tendo o fazer pedagógico como ponto de partida para desenvolver e compreender as ações locais relacionadas com o conhecimento acumulado pela humanidade ao longo dos anos. Nesse ponto, é preciso conceber metodologias e concepção de conteúdos que estejam também presentes nas atividades diárias sem perder de vista a importância da formação do homem em seu sentido amplo, sem que lhe seja negado nenhum conhecimento, tanto de ordem para fomentar a sua prática cotidiana de trabalho ou para requerer ideias relacionadas com os conteúdos científicos e artísticos de um modo geral.

Além disso, é preciso que se entenda que a escola é universo maior do que a sistematização de conhecimento, ela é espaço de convivência, de trocas de experiências, é espaço motivador para o enriquecimento do homem do campo, ao qual já não se pode mais ser negada uma educação de qualidade em sentido

formador do homem relacionado com o meio que vive, mas, sobretudo, coerente com o mundo das práticas educativas, como assinala Paulo Freire:

Não é possível ser gente senão por meio de práticas educativas. Esse processo de formação perdura ao longo da vida toda, o homem não pára de educar-se, sua formação é permanente e se funda na dialética entre teoria e prática. A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, e os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo (FREIRE, 2000, p. 40).

Conceber uma educação que priorize as práticas educativas voltadas para o homem do campo significa, portanto, mais que a instrumentalização de elementos apontados nos materiais didáticos – construídos principalmente para atender a escola urbana -, significa uma educação *permanente* e com sentido para o mundo.

Ainda, conforme assinala Roseli S. Caldart, ao relacionar a natureza da educação do campo pensada para os sujeitos do campo, diz a autora:

Trata-se de uma educação que deve ser no e do campo - No, porque [...] o povo tem o direito de ser educado no lugar onde vive; [Do, pois] “o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002, p. 26).

Também podemos assinalar que essa caracterização da educação do campo como sendo desenvolvida *no* campo e *do* campo como elemento importante das práticas educativas, o que confere à educação do campo a responsabilidade de proporcionar aos alunos saberes que são sociais, humanos, antes de serem demarcados por espaços e tempos, e sim superados e socializados por meio de uma escola que, mesmo com as adversidades, consiga vislumbrar experiências positivas e formadoras.

Uma escola que possa atender as necessidades humanas no que dizem respeito à mudança de perspectiva social ou para atender as prioridades dos sujeitos do campo, sejam elas materiais ou simbólicas, mais desde que estejam atreladas à qualidade de vida do homem que vive no campo, e que nem por isso precisa deixar de lado o pensamento indagador e crítico num processo muito maior que qualquer espaço poderá determinar, pois será dimensionado pelos anseios humanos dos sujeitos que vivem no campo.

4.2 A MÚSICA NA EDUCAÇÃO

A música é uma manifestação artística que passou a existir com a história da humanidade. E segundo BRITO (1998), é uma forma de linguagem que faz parte da cultura da humanidade desde tempos remotos. E de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte, encontramos a respeito da música:

Desde o nascimento até a idade escolar, a criança é submetida a uma grande oferta musical que tanto compõe suas preferências relacionadas à herança cultural, quanto interfere na formação de comportamento e gostos instigados pela cultura de massa. Por isso, ao trabalhar uma determinada música, é importante contextualizá-la, apresentar suas características específicas e mostrar que as influências de regiões e povos misturam-se em diversas composições musicais. (PARANÁ, 2008, p. 75).

A música, portanto, aparece vinculada à condição humana de participação de uma linguagem muito peculiar que é vinculada no ambiente do lar ou da escola. E é no ambiente escolar que ela será pensada.

Na escola, deste modo, a música não tem como objetivo formar profissionais capacitados para executá-la, mas sim como auxiliar os estudantes no sentido de apropriação do conhecimento como prática cultural e no desenvolvimento da cidadania, por mais que os alunos tenham contato também com técnicas próprias da linguagem musical. O foco da música na escola é outro. Tanto é que a música é reconhecida como um modo de representar o mundo e relacionar com a grande quantidade de música que existe (PARANÁ, 2008).

E ainda em SOUZA (2000), encontramos uma postura a favor de que as diretrizes educacionais das escolas precisam apresentar uma visão na qual sejam contempladas situações suficientes para criar ambientes desafiadores que envolvam educadores, educandos e seus familiares.

A escola pensada a partir da perspectiva de construir espaços que promovam também a possibilidade para o estudante conhecer músicas que nem sempre fazem parte de seu cotidiano; mas que nem por isso devem ser desconhecidas, principalmente pelo fato da música não aparecer estagnada em tempo e espaço, mas sim como manifestação social, nem sempre limitada a determinado espaço – salvo quando é caracterizada por uma determinada tradição ou rito, o que não é o objeto aqui.

4.3 CANTO E CORAL EM ESCOLA DO CAMPO

A música como apresentada acima, deve ser compreendida como elemento de formação social e responsável também pelos aspectos educacionais típicos das escolas. E delimitando mais o ambiente de sua atuação, precisamos compreender a música no canto e coral e a contribuição social que ela pode proporcionar aos estudantes.

Apesar da música, como já foi assinalado, não visar o trabalho especificamente com técnicas de composição, o canto e coral proporcionam aos estudantes o desenvolvimento e o aprimoramento das técnicas vocais. Entre elas, impostação da voz, cantar nas tonalidades, contribui aos alunos um conhecimento prévio sobre teoria musical, conforme a idade e aprendizagem característica do canto e coral.

Além dos aspectos citados acima, a música no canto e coral possui elementos que ajudam a desenvolver a socialização, a capacidade de trabalhar em grupo, a cooperação entre os colegas, sobretudo pelo fato do coral precisar de várias vozes para ser constituído, o que podemos dizer que engloba mais o caráter de socialização dos estudantes.

Também, e de acordo com José Carlos Bago de Uva (2013), estudioso de Canto e Coral infantil, existem algumas características importantes da modalidade coral que precisam ser compreendidas. A primeira dimensão é a fisiológica, a qual deve ser trabalhada com os alunos a parte vocal, através de exercícios para melhorar a postura corporal, a respiração, exercícios de aquecimento vocal e de técnica vocal, os chamados vocalizes.

A segunda dimensão é a auditiva (WILLEMS & CHAPUIS, 1994, p.28), que tem como objetivo aprimorar as partes sensorial, afetiva e intelectual dos estudantes. E as atividades propostas são jogos progressivos para a educação do sentido melódico e harmônico e canções progressivas para o desenvolvimento do ouvido musical.

A terceira dimensão é a dimensão performática, que trabalha a expressão individual e a coletiva, e a partilha da produção artístico-musical. A principal atividade dessa dimensão, que deve ser realizada com os alunos, é a montagem de repertório, com grau de dificuldade progressivo, sempre avaliando o desempenho, a produção e as respostas musicais dos alunos.

E ainda desenvolver nos estudantes o valor humano do canto coletivo, a compreensão das artes no contexto e o aprimoramento do sentido crítico. Essa dimensão propõe o desenvolvimento sócio-cultural e o desenvolvimento artístico, principalmente relacionado ao canto, através de exercícios e apresentações que os estudantes precisam trabalhar em grupo, e por um trabalho de exposição de variados ritmos, gêneros e estilos musicais, aos alunos, principalmente os que expressam a cultura popular brasileira (BAGO DE UVA, 2013).

Entre as possibilidades apresentadas até aqui não podemos deixar de dizer que ao sujeito do campo elas devem ser negadas, muito pelo contrário, elas precisam ser repensadas como práticas pedagógicas na educação do sujeito do campo. Certo que de acordo com a realidade do sujeito do campo e sua relação com a cultura desenvolvida pelos sujeitos do campo.

Roseli Salete Caldart no texto *Caminhos para transformação da escola* assinala interessante a perspectiva da escola do campo, principalmente quando cita o movimento MST, com as produções culturais e a importância dos estudantes do campo em ter acesso aos mais diversos meios artísticos. Diz a autora:

Também é muito importante hoje, pelos desafios do projeto da reforma agrária popular do MST, ajudar no enraizamento crítico e na recriação do modo de vida camponês, que inclui conhecer os traços do modo camponês de fazer agricultura, os conhecimentos nela envolvidos, as tradições culturais, as relações sociais típicas de famílias e de comunidades camponesas. Para isso é fundamental uma integração da escola ao assentamento ou acampamento. Integra essa matriz o desenvolvimento da educação artística, podendo ser meta da escola a participação dos estudantes em grupos de produção e expressão pelo menos em alguma das formas de linguagem da arte; assim como a participação em atividades do Movimento que trabalhem especialmente essa dimensão: os concursos nacionais de redação e desenho, os encontros de Sem Terrinha, os festivais artístico-culturais... (2012, p. 42-43)

A autora ainda reforça a ideia de que em se tratando da apreender e se relacionar com qualquer manifestação artística, além da importância para a contribuição na formação da cidadania, é necessário levar em conta que o envolvimento com a arte não pode significar o distanciamento da realidade em que os sujeitos do campo se formam. É pensar também na forma artística como elemento fomentador do engajamento por melhores condições, principalmente quando a arte leva à reflexão – forma que deve ser priorizada pela educação escolar.

5 METODOLOGIA E RELATO DE EXPERIÊNCIA

Como já apontado no início do trabalho, o relato de experiência que foi desenvolvido no artigo (TCC) tratará de experiências com Canto e Coral no Colégio Estadual do Campo São Jorge, distrito de Terra Nova, município de São Jerônimo da Serra, PR.

O colégio Estadual do Campo São Jorge está localizado na Rua Antonio Siqueira dos Santos, 55, no distrito de Terra Nova, a 20 km de estrada de chão batido da sede do município de São Jerônimo da Serra. Com mais de 500 alunos e mais de 40 funcionários no total. A maior parte dos funcionários e professores, principalmente, vem de São Jerônimo da Serra diariamente. Os alunos são de pequenos sítios, assentamentos (maior parte) e do próprio distrito de Terra Nova. Geralmente, os alunos precisam usar ônibus escolar num trajeto de 8 a 12 km diariamente. O colégio funciona em três turnos.

O projeto de Canto e Coral atende apenas alunos do ensino fundamental das series finais, também, na maioria, alunos de assentamentos e que cursaram o 6º ano em 2013, período que teve início o Canto e Coral. A todos os alunos do ensino fundamental era ofertado o curso, mas alguns optaram por outras atividades do Mais Educação, como esporte. Mas as turmas de 6º ano foram as que mais se interessaram pelo Canto e Coral - não foi feito um levantamento sistematizado no sentido de saber o motivo da preferência dos alunos do 6º ano.

A pesquisa constitui em um relato de experiência e que vai descrever aspectos que vivenciei no período em que lecionei aula de Língua Portuguesa para os alunos das series finais do ensino fundamental, época que também exercia a função de diretor auxiliar, e ainda participava orientando e observando a professora do Canto e Coral - foram nessas condições que desenvolvi o relato.

Dessa forma, trata-se de uma visão qualitativa na qual procurei, através de métodos descritivos observacionais, desenvolver o relato, que busquei apresentar elementos de reflexão a partir da ação do Canto e Coral no Colégio Estadual do Campo São Jorge em 2013.

Assim, decidi adotar um método de pesquisa qualitativa que, de acordo Neves (1996, p. 1) é “[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, tendo por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social”

nesse aspecto é importante ressaltar que para a pesquisa, a postura como professor pesquisador foi determinante. Como diz escritor russo Tchekhov, num belo conto (1995, p.190), sobre *como* deve ser um professor. Diz esse autor: “é preciso fazer de si um cientista, um pedagogo, um orador, e as coisas vão mal se o orador vence o pedagogo e o cientista, ou vice-versa”. E foi, principalmente, como professor observador que procurei desenvolver o método do relato.

Pois bem. O Canto e Coral do Colégio Estadual do Campo São Jorge faz parte do programa Mais Educação (para saber mais sobre o programa ver portal do MEC), que contempla escolas estaduais ou municipais de baixo IDEB. E foi em 2013 que o colégio começou a desenvolver o Canto e Coral.

O princípio da formação do Canto e Coral foi esse. Mas desde o início o colégio encontrou dificuldades, pois a verba destinada não era suficiente. Não havia professor para exercer a função. O colégio não tinha um espaço para a atividade (ainda não tem, mas acaba sendo realizado no palco ou até mesmo na quadra), também foram encontradas dificuldades enquanto a recepção da atividade pelos alunos, pais, professores e comunidade de um modo em geral, pelo fato de, aparentemente, não ser a atividade mais apropriada para uma escola do campo.

Mas isso só foi no primeiro momento. As coisas se resolveram perfeitamente nesse sentido.

Após essa etapa, aconteceu a *seleção* dos alunos que iriam participar. Sendo do ensino fundamental, todos os alunos que se sentissem interessados poderiam participar. Não havia uma seleção propriamente dita, pois o objetivo não era formar cantores, mas sim promover a socialização de conhecimentos a todos.

Assim, principalmente os alunos de 6º ano foram para o Canto e Coral. A maior parte dos alunos não tinha conhecimento do que era um Canto e Coral, alguns até sabiam, pois já tinham visto na TV. Ainda, nenhum aluno tinha conhecimento de música. A única experiência que traziam era das músicas que ouviam em suas casas; os mais variados estilos de música que tocavam no rádio, desde sertanejo a *rock*. Por outro lado, não tinham noção do que iriam aprender a cantar.

Depois do Canto e Coral formalizado, o Colégio, certamente pelo caráter desafiador de envolver um projeto até então inédito em nossa realidade escolar, teve o envolvimento e compromisso de todos os funcionários, sem exceção.

Os primeiros ensaios dos alunos foram mais um momento de descontração e de despertar a vontade em participar para valer e mostrar que também tinham condições de fazer um bom trabalho.

Mas assim que a professora de Canto e Coral começou o trabalho, os alunos apresentaram algumas dificuldades, principalmente nos exercícios de relaxamento, respiração e os chamados vocalizes, pois achavam estranhos, pois eram exercícios diferentes e até então não sabiam que para cantar também se faziam necessários exercícios. Outro tabu, digamos, foi quebrado: o do dom para cantar. Os alunos descobriram que havia técnica, que poderiam também aprender. Isso já refletiu positivamente para os alunos.

A professora do Canto e Coral, Bárbara Talita Magro dos Santos, 22 anos, contratada no regime PSS, tem formação em História pela UEM, cursos de piano popular, contrabaixo e cursos de canto lírico e coral. E é a única professora da região com formação para desenvolver o canto e coral, pois além de conhecimento teórico, a professora também tem experiência em cantar.

Logo depois que os alunos já começaram a ensaiar mesmo como coral, pois demorou certo tempo, não só pela falta de experiência com canto, mas também pela natureza difícil de trabalhar com coral, eles receberam um convite, pela coordenadora do Mais Educação do Núcleo Regional de Cornélio Procópio, para participarem da Caravana da Poesia, que estaria em Londrina, em outubro de 2013. Além da distância, mais 130 km de Terra Nova, havia o pouco ensaio e outros medos.

Até o momento, os alunos tinham ensaiado algumas músicas próprias para o canto e coral, cantigas populares, músicas sobre o campo e, sobretudo, músicas que não exigiam tanta complexidade para os alunos. Mas para participar da Caravana da Poesia, precisava ser uma música de Vinícius de Moraes, pois a Caravana era sobre o poeta.

Logo que o colégio aceitou o convite, os alunos começaram a procurar saber mais sobre Vinícius de Moraes. Foi quando os professores, não só de Português ou Arte, mas de todas as disciplinas começaram também a se interessar pelo poeta, principalmente pelo fato dos alunos representarem o colégio numa situação tão inesperada e especial.

Foram mais de dois meses de dedicação para a apresentação em Londrina. Outro fato importante seria a primeira apresentação dos alunos do Canto e Coral e a

primeira vez que alunos saíam de Terra Nova, muitos só conheciam Londrina ou outra cidade pela TV.

Os alunos precisaram de muita dedicação para cantar uma música de Vinícius de Moraes, sobretudo pela complexidade da música e pela execução. A música que o grupo cantou foi “Pela luz dos olhos teus”.

Antes, porém, a equipe do colégio fez uma reunião com os pais e alunos, pedindo autorização, explicando o que seria a apresentação e a importância para os alunos. A autorização foi imediata, pois alguns funcionários, direção e a professora iriam para cuidar dos alunos. Os pais nem se preocuparam com a questão da viagem em si, pois ela só não aconteceria se chovesse, pois todas as estradas em Terra Nova, sítios e assentamentos são de terra. A única preocupação de todos os pais era saber se os alunos não iriam ficar com vergonha, se não seriam expostos ao ridículo e se realmente teriam condições, ainda mais que a apresentação não seria em colégio estadual, e sim em um grande colégio particular em Londrina. Então, os alunos fizeram uma apresentação de improviso para convencer os pais de que eles seriam capazes de mostrar também que fazem parte do mundo, não apenas do mundo do campo. E que podem também participar da arte.

A viagem para Londrina foi uma excelente experiência para os alunos, funcionários do colégio, comunidade e todos que ficaram sabendo do evento na Caravana da Poesia, pois os alunos superaram as perspectivas das mais otimistas das apresentações. Chegaram ao colégio Adventista, em Londrina, ficaram impressionados, tímidos, sem acreditar que ainda estavam lá. Alguns ficaram muito nervosos e começaram a chorar, pois o auditório do colégio estava cheio. Mas logo se acostumaram com o local e foram ficando mais calmos.

A apresentação seria a última do dia, pois pelo fato dos alunos morarem longe, não teria como ser antes. Alguns alunos saíram de casa por volta das 6h da manhã.

Então, logo que uniformizados (ver foto em anexo) subiram ao palco se transformaram, e de tão tímidos cantaram como nunca. Emocionaram todos que lá estavam, não só pela postura, comportamento, organização, mas, sobretudo, pela qualidade, pela afinação do canto que apresentaram.

Foi uma experiência que, sem dúvida, marcou positivamente a vida daqueles alunos que saíram do campo para demonstrar que são capazes de participar de atividades que não são restritas ao campo, mas que podem fazer com que os alunos

do campo se sintam realmente sujeitos no/do mundo. Entre as alegrias dos alunos e vários discursos de agradecimento à professora e a todos os educadores (foram todos os discursos emocionantes), mas um me chamou atenção, quando uma aluna disse: “nossa, professor, me senti gente”.

6 CRONOGRAMA

Setembro - 2013: Acompanhamento das atividades com os alunos do Canto e Coral	Outubro - 2013 Acompanhamento das atividades com os alunos do Canto e Coral	Novembro - 2013 Acompanhamento das atividades com os alunos do Canto e Coral	Dezembro -2013 Escrita do artigo (TCC)
Janeiro – 2014: Revisão bibliográfica	Fevereiro - 2014 Revisão bibliográfica e escrita do artigo (TCC)	Março – 2014: Escrita e revisão do artigo (TCC)	Abril-2014: Escrita, revisão e entrega do artigo (TCC)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Canto e Coral do Colégio Estadual do Campo São Jorge trouxe para a comunidade, para os professores, pais e alunos, depois da apresentação em Londrina, perspectivas que até então ninguém pensava, principalmente na valorização do colégio, no desenvolvimento da autoestima dos alunos, na relação do colégio e comunidade e com as manifestações artísticas.

Para o ano de 2014, o projeto Canto e Coral continua, mas ainda é cedo para saber como vai se comportar depois da experiência tão produtiva que teve em 2013.

Por enquanto, é preciso assinalar que a escola e todos os integrantes que a constitui como o diretor, os funcionários, os professores, os alunos e a comunidade foram favorecidos a partir do trabalho juntos para o excelente desenvolvimento da atividade do Canto Coral.

E espera-se também que, com o Canto Coral, toda a nossa comunidade, os pais, parentes e amigos dos nossos alunos, assistam as apresentações do Coral e que assim motivem mais os estudantes para a música e para o estudo de uma forma geral.

Com base no relato e no estudo que foi feito, também foi possível perceber que os alunos aprimoraram as técnicas vocais como um todo; que tiveram um conhecimento mais amplo da cultura musical.

Além disso, espera-se que com o Canto e Coral e as técnicas que aprenderam, os alunos possam cantar livremente; que adquiram um repertório de músicas além das que já trazem de casa; que façam apresentações; que ampliem mais a capacidade intelectual, sensorial e afetiva; que desenvolvam a socialização; que aprendam a trabalhar em grupo; que valorizem mais as diversidades culturais e musicais, se desvincilhando de preconceito cultural; e que possam se sentir parte da sociedade, participando e construindo a própria história e contribuindo também para a história no/do mundo.

7 REFERÊNCIAS

BAGO DE UVA, José. **Modalidades Artísticas no ensino básico e secundário**. MOD. 22 – Rev.2 – 12/2013.

BRITO, Teça Alencar de. **Música na Educação Infantil**: propostas para formação integral da criança. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2003.

CALDART, Roseli S. **Por uma educação do campo**: traços de uma identidade em construção. In: Educação do campo: identidade e políticas públicas- Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação Do Campo”, 2002.

CEZAR, Edmilson Paglia. **Práticas Pedagógicas em Educação do Campo / Organização**: Edmilson Cezar Paglia; Ana Christina Duarte Pires; Diomar Augusto de Quadros; Maximiliano Stersa Budke; Nara Ângela dos Anjos; Silvana Cassia Hoeller. Curitiba: UFPR Litoral, 2010.

DICIONÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO. Organizado por Roseli Salette Caldart, Izabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARSOLA, Mônica. **Canto: uma expressão; Princípios Básicos de Técnica Vocal**. SP, SP: Editores Irmãos Vitali, 2001.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. FEA-USP. São Paulo, v. 1. n. 3. 2º sem, 1996

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Artes. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Educação do Campo - Curitiba: SEED, 2006.

SOUZA, Jusamara. **O cotidiano como perspectiva para a aula de música**, In: SOUZA, Jusamara. (Org). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

TEMAS E PROBLEMAS NO ENSINO EM ESCOLAS DO CAMPO/Célia Regina Vendramine e Bernadete Wrublevski Aued (Org.)1ªed. Outras Expressões.SP: 2012.

TCHEKHOV, Anton. **As Três Irmãs e Contos**. Nova Cultural. São Paulo, 1995.

Willems, E. & Chapuis J. (1994) **Natureza del Oído Musical**; In: Educacion Musical Willems. Editions Pro Música, p.28.

ANEXO



Arquivo pessoal. Professora do Canto e Coral e alunos na Caravana da Poesia – Londrina outubro de 2013.